

**ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO:  
A MEMÓRIA NAS EDIÇÕES COMEMORATIVAS  
DA REVISTA *FLUIR***

Prof. Ms. Rafael Fortes

Doutorando em Comunicação/Universidade Federal Fluminense

*Recebido em 17 de abril de 2007*

*Aprovado em 20 de maio de 2007*

**Resumo**

Este trabalho analisa uma amostragem de edições comemorativas de aniversário da revista *Fluir*, principal veículo impresso brasileiro voltado para o surfe. Explora de que forma tais edições constroem a memória da publicação, que tem 23 anos de existência, com relação às diferentes temporalidades: passado, principalmente, mas também presente e futuro. Ganham destaque na análise as possibilidades de apropriação e reapropriação do passado. Do ponto de vista teórico, a discussão está centrada no conceito de memória, entendida não como algo que é recuperado ou resgatado em relação ao passado, mas construído ativamente a partir de demandas existentes e de disputas travadas no presente.

**Palavras-Chave:** Fluir; memória; surfe; jornalismo de revista; comemoração

**Abstract**

This work analyzes a sampling commemorative editions of anniversary of the magazine *Fluir*, main Brazilian printed vehicle directed toward surfing. It explores how such editions construct the memory of the publication, which has 22 years of existence, with regard to the different temporalities: past, mainly, but also present and future. The analysis centers on the possibilities of appropriation of the past. From the theoretical point of view, the article is centered in the concept of memory, understood not as something that is recouped or rescued in relation to the past, but constructed actively from existing demands and from disputes taking place in the present.

**Keywords:** Fluir; memory; surfing; magazine journalism; commemoration

**Introdução**

A proposta deste texto é trabalhar com as edições comemorativas de aniversário da revista *Fluir*. Ao debruçar-me sobre esse exemplares, busco identificar e discutir de que forma o passado aparece e é construído, apropriado e reapropriado.

Criada no segundo semestre de 1983 por cinco amigos, todos surfistas, estudantes universitários e moradores da cidade de São Paulo, *Fluir*, é a principal publicação sobre surfe em

circulação no país. Embora tenha enfrentado várias concorrentes ao longo de sua existência, como *Hardcore* e a extinta *Inside*, desde meados da década de 1980 firmou-se como o principal veículo impresso nacional a tratar do esporte.

Este trabalho constitui a primeira mirada sobre o objeto empírico de minha pesquisa de doutorado – voltada para o papel exercido pelos meios de comunicação social no desenvolvimento do surfe como esporte e cultura no Brasil. Portanto, não foi possível estabelecer conexões entre os agentes que escrevem na revista e outros espaços de comunicação, bem como cruzamento de pontos de vista da publicação com o contexto mais amplo do desenvolvimento do esporte e do estilo de vida do surfe no Brasil, uma vez que a maioria das fontes (demais impressos, produção audiovisual e radiofônica etc.) ainda está por ser pesquisada. O texto foi construído a partir das fontes.<sup>1</sup> Isto não significa desprezo pela teoria, mas uma opção de percurso para montar o trabalho. Do ponto de vista teórico, a análise das fontes dialoga com o bibliografia em torno do tema mídia e memória.

A primeira seção trata da proposta inicial de *Fluir*. A análise se baseia na edição de estreia e, como complemento, nas referências às idéias iniciais presentes nas outras edições comemorativas. A segunda seção avança no tempo, apresentando e discutindo os demais números pesquisados. A última seção aborda a relação estabelecida pela revista entre ela própria e o desenvolvimento do surfe no Brasil.

### **A proposta inicial**

A proposta inicial de *Fluir* era de uma publicação variada, cobrindo diversos esportes. Isto se verifica na primeira edição, através da capa, do conteúdo, e também do próprio subtítulo: *Terra, mar e ar*.<sup>2</sup> Apesar disso, a capa do exemplar já destaca o surfe (ou melhor, o *surf*) em relação aos demais esportes – bicicross e vôo livre. No interior da revista, também se falava de skate. Neste momento, portanto, a proposta é cobrir vários esportes na natureza.

Este número traz uma quantidade significativa de publicidade, inclusive na capa, em que a fotografia principal – surfista realizando uma manobra – está enquadrada em um filme fotográfico da marca Kodak. Por sua vez, os anunciantes, no primeiro número, eram principalmente fabricantes de roupas e material para surfe (há também propagandas de comércio de “camisetas e biquínis”, entre outros produtos), mas incluíam materiais para vôo livre e skate. Nos anos seguintes, tornam-se quase exclusivamente voltados para o surfe. E, mais recentemente – a partir de meados da década de 1990 –, os anunciantes se ampliam: aparecem outros produtos que buscam atingir o público jovem, como achocolatado em pó e refrigerante.

A revista é exemplo de mídia segmentada – e, ao longo das primeiras edições, estreitou ainda mais sua temática, deixando de lado outros esportes para focar-se exclusivamente no surfe. A mudança temática é explicada, vinte anos depois, pela própria ênfase da publicidade presente na revista. Segundo Cláudio Martins, um dos criadores, “com o passar das edições, percebemos que quem sustentava a revista era o surf e aos poucos fomos tirando os outros esportes, até a *Fluir* se tornar 100% surf.”<sup>3</sup> Observa-se, portanto, o peso que o fator comercial tem na linha editorial de um veículo especializado de comunicação. Na medida em que o negócio de uma revista é vender a atenção de seus leitores aos anunciantes, é fundamental contar com um público específico que possa atrair empresas de peso e em bom número. É interessante notar que a saída dos demais esportes não é abordada nos editoriais da revista seguintes à mudança.

O primeiro texto tem caráter poético e não é assinado. Está repleto de referência aos três elementos mencionados na capa – terra, mar e ar – e ao verbo que lhe dá nome. Busca caracterizar o lançamento da revista como um ato de rebeldia, coragem e ruptura.

*Fluir* é vida

*Fluir* é o desejo de uma BUENA VIDA.

*Fluir* somos todos nós: nossa fluência e nossa influência. Nossa vivência. Nossa tentativa de sobrevivência. Nossa experiência aberta. Nosso ALERTA.<sup>4</sup>

A idéia de que o lançamento da revista representou um risco e uma atitude corajosa está presente também em outros momentos, como editoriais de edições comemorativas subsequentes, e a entrevista, publicada em 2003, com um dos sócios-fundadores.<sup>5</sup> O editorial do primeiro número chama a atenção para as dificuldades enfrentadas para levar às bancas uma revista tratando de surfe: “estamos CHEGANDO às bancas pela primeira vez. Quanto trampo para se ver um sonho realizado...”.<sup>6</sup>

Os criadores usaram capital próprio para fazer a revista, tarefa nada desprezível, ainda mais em tempos de recessão. Martins afirma ter vendido um carro, “uma moto e uma linha de telefone, que na época ainda valia uma grana” para reunir o capital inicial necessário: “com o dinheiro arrecadado fiquei com 22,5% da revista. Eram cinco sócios, quatro com 22,5% e o Grilo com 10%”.<sup>7</sup> Com isso, andava de ônibus e metrô para vender os anúncios, fazia permuta com empresa de congelados para ter o que comer e, quando a comida acabava, comia “na casa da tia, avó, de amigo”.

Mas foi a época mais feliz da minha vida. Era um sonho, era surfar em São Paulo. A gente transcendeu a praia, trouxe o surf para São Paulo e vivia aquilo todo dia. Todas as nossas relações de amizade, relações comerciais, todas as nossas namoradas, era gente que vinha desse meio, vinha da praia, vinha do mar, vinha do surf.<sup>8</sup>

O período, portanto, é rememorado como sendo de intensa dificuldade, mas também de felicidade pela realização de um sonho. Além disso, a questão de trazer o surfe para a cidade de São Paulo é importante para se pensar a relação estabelecida, nas páginas de *Fluir*, entre as ações de *surfar* e *viajar*.

Embora a iniciativa tenha sofrido com a precariedade citada, o primeiro número já oferecia a possibilidade de assinar a revista, destacando a vantagem de evitar a inflação, então um problema crônico da economia brasileira: “você ganha um desconto e não paga aumento por um ano”.<sup>9</sup> Na mesma página, convidava os leitores – “nosso maior patrocinador e o mais sensível e exigente no controle de qualidade” – a escrever cartas.

Eis a proposta inicial:

nosso investimento é em FORMA e CONTEÚDO. Acreditamos em QUALIDADE, dizemos não à massificação e à mediocridade. Por isso, além de uma nova maneira de falar de SURF, VÔO LIVRE e BICICROSS, vamos falar também de ecologia, de cinema, música e o que mais pintar: as colaborações, sugestões e críticas de todos vocês. Pensamos na FLUIR como um CANAL de um movimento muito maior que existe fragmentado e disperso por esse enorme, lindo e terrível país tropical.<sup>10</sup>

Há alguns aspectos a ressaltar. Primeiro, a articulação – intrínseca – que a revista estabelece entre os esportes citados e questões relacionadas a arte e natureza. Os números seguintes mantêm as seções sobre cinema, música e ecologia, acompanhadas de uma nova, sobre alimentação natural. O debate sobre natureza, preservação ambiental e ecologia é recorrente na trajetória da revista, sendo comum encontrar, em suas páginas, expressões como “consciência ecológica”, “preservação” e “poluição”. Este é o tema central do editorial publicado no aniversário de 16 anos, a ser abordado mais adiante.

Segundo, a preocupação com forma e conteúdo. Há que se ressaltar que tanto o veículo revista - neste caso, uma revista em papel *couché* com alta qualidade de impressão em cor<sup>11</sup> – quanto os próprios esportes, praticados ao ar livre, freqüentemente em lugares de natureza exuberante – fornecem um ambiente propício para a produção de imagens belas. A estética fotográfica, como se sabe, é um elemento essencial – não raro o mais importante – da mídia revista.

Do ponto de vista dos textos, a linguagem é coloquial e usa certas gírias do público jovem. Quebra, aqui e ali, formalidades ortográficas. O editorial faz, ainda, agradecimentos genéricos aos que acreditaram no projeto e, mais especificamente, aos anunciantes.

### **Panorama das edições comemorativas de aniversário**

No primeiro aniversário, há uma chamada relativamente discreta na capa com os dizeres “edição de aniversário”. O editorial de aniversário é uma resposta aos que não acreditaram no projeto de fazer uma revista voltada para o esporte: “‘*Revista de surf?*’ E logo depois da

pergunta sempre vinha uma risadinha cética, como se todos quisessem dizer: ‘- Os meninos vão entrar pelo cano com essa!’”<sup>12</sup>

Seguem-se esclarecimentos a respeito das condições de gestação da revista:

Afinal, era mesmo uma loucura: no momento mais negro da crise, quando ninguém mais tinha grana, cinco moleques (o mais velho tinha 26 anos) meteram na cabeça que iam fazer uma Revista de Surf. Iam porque iam. E tome reunião com gráficos, fotolitos, distribuidora, prováveis anunciantes, colaboradores mil. E tome risadinha cética. E o pior: a grana disponível mal dava para abrir um botequim de quinta categoria.

Ressalta-se, portanto, a obstinação dos sócios, a despeito do ceticismo de muitas pessoas e das dificuldades enfrentadas. Como foi visto na seção anterior, essas dificuldades são mencionadas rapidamente na edição de lançamento. Agora, no aniversário, o sucesso do empreendimento permite que se fale mais sobre os problemas iniciais. No entanto, enfatiza-se a vitória que significa a revista completar um ano, com mais anunciantes, afirmando-se como um importante veículo de mídia segmentada voltada para o esporte: “num ano de muitas ondas, vimos a revista consolidar-se como o principal órgão informativo do Surf em São Paulo e no Brasil. E contribuir decisivamente para a grande expansão do esporte e de seu mercado ocorrida nesse ano em todo o país. E destaca-se a evolução técnica das 48 páginas com “muito preto e branco” da edição inicial para as “116 páginas totalmente coloridas e sendo impressa numa das melhores gráficas do país, com fotolitos a raio laser”. O anúncio de assinaturas da edição de aniversário a coloca como “a mais completa revista de esportes radicais e ação do momento”, trazendo “o melhor do surf e do skate no Brasil e no mundo”.<sup>13</sup> *Fluir* continuava cobrindo skate, embora já se encontrasse no caminho para se tornar uma revista exclusivamente sobre surfe.

Na amostragem pesquisada, a edição de quarto aniversário é a que faz menos referências à data comemorativa. *Fluir* já é mensal, publicada pela Editora Azul, pertencente ao grupo da poderosa Editora Abril. Curiosamente, não há referência ao aniversário na capa. O editorial destaca a variedade de assuntos tratados relacionados ao universo do surfe:

Enviamos fotografos aos quatro cantos do globo; cobrimos as mais diversas competições nacionais e internacionais; pesquisamos matérias de ecologia; analisamos as mais variadas tendências musicais; entrevistamos uma infinidade de personalidades do mundo do surf e sempre buscamos as notícias mais quentes para informar os leitores.<sup>14</sup>

Segundo o texto, um reflexo disso era a multiplicidade temática da própria edição comemorativa. Abordar uma série de temas que extrapolem a prática do surfe é, para os editores, uma das maiores qualidades da publicação. O surfe é concebido não apenas como um esporte, mas como um estilo de vida – algo que ultrapassa a prática esportiva em si. O texto destaca, ainda, a preocupação com a divulgação de equipamentos ligados ao surfe, bem como de prestar esclarecimentos ao leitor: “*Fluir* lançou durante este ano uma série de reportagens conduzidas por Avelino Arantes Bastos – um de nossos mais experientes shapers – sobre design de pranchas”.

A edição de 12 anos traz uma chamada intitulada “Superedição de aniversário” na parte superior da capa. Ao longo dos anos, aumenta o espaço para as comemorações de aniversário. Para este número, foi criado um selo com a expressão “12 anos dentro d’água”. Esse selo aparece na capa e em outros espaços da revista dedicados à celebração da data.<sup>15</sup>

Ainda a respeito dessa capa, há dois pontos a se notar. Primeiro, o fato de a foto ser subaquática, mostrando o vulto de um surfista realizando uma manobra, possivelmente uma referência ao mote “12 anos dentro d’água”. Segundo, o apagamento em relação à proposta inicial da revista, que trazia no nome, como já foi dito, a expressão “terra, mar e ar”. A revista estava, sim, há 12 anos dentro do mar, todavia não fez menção ao princípio, quando propunha dar conta de diversos esportes radicais, abordando os três elementos da natureza.

*Fluir* continua na Editora Azul e tem 132 páginas. O editorial vem apenas na página 27. Todas as anteriores são preenchidas por anúncios, incluindo algumas das principais marcas nacionais e internacionais de roupas e acessórios de surfe.<sup>16</sup> O editorial destaca as viagens, definindo o ato de sair em busca de ondas como a real encarnação do “espírito do surf”. As

viagens são tratadas como tema central não apenas da edição comemorativa, mas também da trajetória da revista. As reportagens sobre o tema somam 41 páginas consecutivas.

Uma questão que merece discussão é a idéia, presente nesta e em várias edições, de que só quem viaja é *realmente* surfista. Primeiro, há que se pensar em uma possível articulação entre esta concepção e o fato de a revista ser feita na cidade de São Paulo por profissionais de comunicação que são surfistas: para estes e para os leitores paulistanos, o ato de surfar está forçosamente ligado ao de viajar, seja descendo de carro até o Guarujá, seja pegando um avião para lugares como Fernando de Noronha, Havaí ou Bali. Segundo, o conteúdo de classe implícito na idéia, uma vez que, no Brasil, a prática freqüente de viagens não é algo viável, do ponto de vista financeiro, para a esmagadora maioria da população. Mesmo considerando que o surfe tem boa penetração nas classes A e B, muitos praticantes não têm condição de viajar em busca da onda perfeita – sobretudo para continentes longínquos como a Ásia. Com relação a este e a diversos outros pontos, a pesquisa pretende avançar levando em consideração que a construção realizada pela mídia não é neutra, desinteressada ou desprovida de valores, mas, como afirma Ribeiro (2005: 125), “o campo por excelência do ideológico, em que várias vozes disputam a hegemonia das representações”.

Ao completar 16 anos, por sua vez, *Fluir* não está mais na Editora Azul. É publicada pela Editora Peixes, presidida por Angelo Rossi, um dos dois diretores da antiga editora. A chamada de capa anuncia “o surf do próximo milênio” e traz uma foto do surfista Peterson Rosa voando com a prancha fora d’água. O índice traz “duas previsões para a próxima década”, ambas relacionadas ao surfe feminino: grande crescimento no número de praticantes e a surfista brasileira Tita Tavares chegar ao título mundial. A revista aproveita a chegada do ano 2000 para abrir uma discussão a respeito das perspectivas para o futuro do esporte.<sup>17</sup>

A “Palavra de surfista” discute a importância da preservação dos oceanos para a existência do esporte. O texto, de caráter reformista, aposta na possibilidade de conciliação entre



desenvolvimento (capitalista) e preservação da natureza, ainda que alerte para a necessidade urgente de mudanças, do contrário “o surfe não terá futuro, pelo menos não em sua concepção original, praticado num oceano límpido e puro”. O editorial apresenta um certo tom de medo frente às perspectivas, lembrando que não é sensato esperar que a situação vá se alterar só porque um novo milênio está para chegar.<sup>18</sup>

Portanto, propõe que a preocupação com a preservação seja prioridade, mesmo que isso signifique, para o praticante, abdicar de tempo dentro d’água para se dedicar a alguma atividade em prol da conservação dos oceanos.

Nada no mundo se compara à sensação de surfar. Ser surfista é fazer parte de uma comunidade única com valores muito especiais. Honremos nossa condição de ‘escolhidos’, lutando por soluções que garantam às próximas gerações o sagrado ato de deslizar sobre uma onda em plena harmonia com as forças da natureza.

O “escolhidos” acima pode ser lido pelo menos de duas formas. Primeiro, como referência ao pertencimento ao seletivo grupo daqueles que experimentam a incomparável “sensação de surfar”. Mas fala também do tempo, ou seja, da história e do período presente em que viviam os surfistas e/ou leitores da revista, responsáveis diretos pelo futuro do esporte.

É importante notar, também, que o fato de a revista existir está naturalizado. Desaparecem os problemas do começo, como o descrédito alheio e a receita insuficiente. Neste sentido, o texto faz planos não só para o surfe, mas para o próprio veículo no milênio que estava por vir. O esporte continua crescendo e as perspectivas são de que se desenvolva mais e mais, ganhando novos adeptos. O problema central, então, passa a ser garantir as condições naturais para que ele continue existindo. A preocupação com o futuro volta-se para a sobrevivência do surfe tal como foi conhecido e praticado até então. É nestes dois sentidos – de otimismo quanto ao crescimento e inovação, mas também de preocupação em relação às condições práticas para a realização do esporte – que a edição de décimo-sexto aniversário é voltada para o futuro. Poucas são as menções a edições, fotos, capas, reportagens ou momentos passados.

A última edição pesquisada corresponde ao vigésimo aniversário da revista. A capa traz novamente a foto de um surfista voando. Desta vez, com a prancha inteiramente fora d'água, cerca de um metro acima da onda. A legenda informa: “Adriano ‘Mineirinho’ nas Maldivas: o futuro é agora”, enquanto a chamada principal destaca: “20 ANOS – EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO”. A edição traz ainda dois guias: da etapa brasileira do Circuito Mundial de Surfe (no mesmo formato da revista) e de pranchas (em formato 1/4). Além da foto, o índice da edição tem a seguinte legenda “desejo infinito: Bruno Alves, fotógrafo fundador da *Fluir*, continua acreditando. Na Sumatra ele encontrou mais uma vez a onda perfeita”. Para o editor,

A melhor revista é a que ainda não fizemos. Quando analiso a trajetória da FLUIR, com suas 216 edições, produzidas em 20 anos de estrada, essa é a certeza que me vem. Não por julgar que a equipe que fez e faz a revista, a atual e todas as outras que nos antecederam, não cumpriram sua missão de entregar sempre um produto de primeira linha para nossos leitores. Aliás, muito pelo contrário, minha crença é justamente a de que por sua equipe ter sempre acreditado que é possível elaborar uma edição ainda mais informativa, mais emocionante, mais inspiradora, é que a FLUIR pôde se manter ao longo de todo este tempo como a revista preferida dos surfistas brasileiros.<sup>19</sup>

O parágrafo acima corresponde à auto-afirmação, categórica, de *Fluir* como principal revista de surfe do país. Paradoxalmente, a explicação para a posição alcançada está na constante busca de inovação por parte daqueles que a produzem. A seqüência do texto ressalta que foi essa a razão para “introduzir um novo projeto editorial e gráfico” justamente na “edição com a qual celebramos de maneira muito especial nosso vigésimo aniversário”. Esta idéia de que a revista se renova constantemente é recorrente nas edições comemorativas. O editorial de quarto aniversário, por exemplo, destacava o esforço “na busca de um aprimoramento cada vez maior”.<sup>20</sup>

Ainda na citação longa acima, destaco a referência às diferentes equipes que passaram pela redação, o que aponta para a possibilidade de, no andamento da pesquisa, explorar a existência de rupturas em sua trajetória. Levando-se em consideração que *Fluir* passou por mudanças de editora, de periodicidade e teve diversos nomes diferentes à frente da redação, será

preciso estudar o percurso com atenção para descontinuidades, pois provavelmente tais mudanças correspondem também a alterações de linha editorial, ênfase temática etc. Desta forma, este trabalho, que consiste em uma primeira abordagem, já chama a atenção para a mudança, fator essencial para qualquer análise histórica que se pretenda minimamente completa. Trata-se de, a cada momento, atentar não apenas para as continuidades, mas, principalmente, para as possibilidades de ruptura, mesmo que estas não venham a se realizar. Elas estão presentes sobretudo nas vozes dissonantes, nos diferentes projetos, nas disputas realizadas pelos agentes e grupos, que cabe ao historiador ter a sensibilidade de perceber, desvelar, compreender e realçar.

Destaco, aqui, a releitura do passado feita por ocasião dessa comemoração. A trajetória da revista é apresentada como de constante sucesso, sem maiores percalços. Apaga-se, por exemplo, o fato de a revista ter começado voltada para diversos esportes e, depois, ter se restringido ao surfe. É possível, aqui, remeter à idéia de Pollak (1989), de que toda memória, ou melhor, todo ato de lembrar, implica também em silêncios (ou seja, calar a respeito de certos aspectos do passado que não se deseja que sejam lembrados) e esquecimentos (propositais ou não). A atualização do passado, quer dizer, de traços dele no presente nunca é completa ou isenta de intenções e preocupações oriundas do momento em que é realizada. Por isso, é possível falar de uma memória coletiva majoritária, mas também de memórias outras. Pollak está se referindo à separação entre a memória organizada que os grupos oficiais ou majoritários buscam impor e as memórias subterrâneas, às vezes não organizadas, que as coletividades são capazes de construir e manter, freqüentemente como forma de afirmação identitária. Ainda assim, creio ser possível pensar que a dialética entre memórias majoritárias/oficiais e memórias subterrâneas não se dê apenas no campo da política e das disputas por legitimidade dentro dos Estados-nação, mas sirva também para pensar outras situações e espaços, inclusive de escopo mais restrito.

A memória é espaço de luta, de disputas *no* presente e *do* presente (Le Goff 1990). Significa fazer, no presente, releituras do passado, as quais nunca são desprovidas de interesses, estejam eles implícitos ou explícitos no ato de recordar.

O conceito de memória é trabalhado aqui a partir das sementes lançadas por Halbwachs (1990): trata-se de uma construção social (e não individual), realizada sempre no presente. Recorre ao passado, reconstruindo-o, de maneira a dar conta de objetivos, demandas, questionamentos do presente. Conseqüentemente, tal reconstrução não é desinteressada. Não se trata de uma recuperação do passado descompromissada, isenta ou neutra, ainda que, em boa parte dos casos, os objetivos que pautam a construção de memória não sejam explicitados.

Neste ponto, abre-se uma diferença crucial entre memória e história, uma vez que, no caso da última, ao menos “segundo as normas da historiografia”, não cabe justificar “uma ação presente pela história”, ou seja, pelo passado (Heller 1993: 100).<sup>21</sup> Esta questão das diferentes possibilidades de enxergar o passado (e separá-lo ou não do presente), sobretudo dentro do conhecimento histórico, é muito bem explorada por Heller, embora não caiba discuti-la pormenorizadamente aqui. Porém, o tratamento e a problematização realizados pela autora a respeito das possibilidades de conhecimento do passado (sendo a história uma delas) deixa evidente o quanto a questão é tratada de forma não problemática pelo jornalismo, que costuma ter a pretensão de recuperar e contar o passado *tal como aconteceu*.

O caminho percorrido por *Fluir* é retratado como uma trajetória de sucesso, na qual “ser líder é apenas consequência de um trabalho feito com prazer”<sup>22</sup>. Por outro lado, como já foi discutido, o segredo do sucesso é a inovação constante, embora, segundo o texto, alguns traços se mantenham. Neste sentido, destaco que, justamente na edição comemorativa de uma data significativa – 20 anos –, seja retomado o início da revista. Isto se dá através de uma entrevista com um dos fundadores, que permite ao editor afirmar que

continuamos com o mesmo *espírito*, com o mesmo *sentimento original* que acredito ter motivado os cinco amigos que fundaram a FLUIR (ver matéria na página 52): o de

que os leitores pudessem viajar no tempo e no espaço, pelo presente, em direção ao futuro ou ao passado, sempre explorando o *mágico universo do surf*, através das páginas da revista. Eles queriam que a FLUIR fosse “viajante”, e ela sempre foi. E nessa condição cumpriu com grande eficiência a função de elo com um mundo de sonhos, fascinante ao extremo, traduzindo com fidelidade o *estilo de vida* mais alucinante do planeta.<sup>23</sup> (grifos meus)

Os trechos destacados remetem ao argumento central de minha pesquisa: o surfe extrapola o campo esportivo e o espaço da praia e de seus praticantes, para configurar um estilo de vida com o qual muitas pessoas se identificam, mesmo que nunca tenham subido em uma prancha, ou sequer furado uma onda. Nas palavras citadas, trata-se de muito mais do que fazer jornalismo ou cobrir um esporte: a revista traduz um estilo de vida, um universo que está ligado a viagens, sonhos, contato com a natureza, paisagens paradisíacas, magia, alto astral.

O editorial de vigésimo aniversário faz também uma referência explícita à trajetória de *Fluir* e às edições anteriores. A construção de memória é cristalina:

Eu mesmo estou escrevendo este texto ainda sobre [sic] as fortes sensações vividas ao folhear página por página a coleção inteira da FLUIR, para escolher algumas das frases mais significativas de grandes surfistas brasileiros e estrangeiros eternizadas na revista (ver matéria na página 58). Essa experiência se constituiu numa incrível viagem pela história do surf, brasileiro e mundial, e me deixou abismado ao constatar o tanto que ele avançou, e a revista junto, em relativamente tão pouco tempo. E a prova de que a evolução é permanente está em suas mãos, numa edição que, entre outras matérias marcantes, traz as imagens captadas na Ilha dos Lobos, em Torres, no Rio Grande do Sul, com as ondas mais espetaculares já fotografadas no Brasil (ver matéria na página 92). Isso é que é presente de aniversário à altura de um número tão importante quanto o de 20 anos completados. Nós vamos continuar acreditando que a melhor onda é aquela que ainda não surfamos, e a melhor revista, a que ainda não fizemos. Esperamos que você permaneça ao nosso lado na eterna viagem em busca da onda perfeita. E em busca da revista perfeita.

A citação, longa, permite uma série de inferências. Primeiro, a reconstrução do passado da revista, reafirmando o papel dela como um importante veículo de jornalismo especializado. Mais do que isso, o texto associa o desenvolvimento do surfe à evolução da própria *Fluir*, como se fossem caminhos paralelos que se desenrolassem e se alimentassem mutuamente.

Segundo, o recurso ao passado para legitimar o que é afirmado não apenas nesta citação, mas ao longo de todo o editorial: evolução *constante*, confirmada através do olhar lança-

do sobre as edições antigas da revista. O passado, visto a partir do lugar de líder ocupado no presente, funciona como prova, testemunho do esforço contínuo de superação.

Terceiro, a data, *redonda* e significativa. Vinte anos são uma marca importante de longevidade, ainda mais por se tratar de uma revista segmentada, mercado altamente competitivo. Por último, a atualização constante da revista, que, segundo o texto, inova justamente para manter o projeto original, de estar um passo à frente, não apenas registrando o mundo do surfe, mas antecipando suas tendências e evolução. Em uma palavra, o *futuro*. Como se pode perceber, as comemorações e lembranças não dizem respeito apenas ao lugar ocupado no passado e afirmado no presente. Vão além, são atos de construção de ambos – porque o passado não está dado, mas é construído e reconstruído no presente, no próprio ato de lembrar. Nas comemorações, o passado é restaurado, mas sobretudo *instaurado*, atualizado. Mais uma vez, resalto: a memória nunca recupera o passado *tal qual ocorreu* (algo que, de resto, é impossível). O que ela faz é atualizá-lo a cada lembrança. No caso específico da revista, a memória construída nas edições comemorativas fala sobretudo do passado. Contudo, esse tempo decorrido aparece intimamente vinculado ao presente e às perspectivas para o futuro. Indo um pouco além, é possível perceber a defesa da ideia de que foi justamente a preocupação constante de olhar para o futuro que fez com que *Fluir* pudesse percorrer tal trajetória (vitoriosa, pois tratam-se de edições de celebração). Ao discutir passado, *Fluir* fala também do lugar que ocupa no presente e de onde pretende estar no futuro.

### **Fluir e o desenvolvimento do surfe no Brasil**

A abordagem feita até aqui buscou dar uma visão panorâmica – e forçosamente incompleta – das questões destacadas nas edições de aniversário, como chave para a compreensão das leituras e releituras do passado feitas pela revista. Contudo, um tema recorrente merece ser destacado à parte: a relação entre *Fluir* e o desenvolvimento do esporte.

A revista surge com o esporte acontecendo. Ou seja, busca inserir-se em um *movimento* e ter papel de destaque, incentivando o desenvolvimento do surfe brasileiro. Isto é dito explicitamente – nas cartas ao leitor (editoriais), principalmente, e também em outros espaços da revista, seja através do diálogo com associações de surfistas Brasil afora, seja pelas notícias dadas sobre o andamento do esporte, das competições e de sua organização no Brasil. No primeiro caso, são várias as cartas de associações de surfistas de cidades do litoral brasileiro parabenizando a publicação por seu lançamento. No segundo, *Fluir* abre espaço para a divulgação de resultados de competições amadoras e/ou locais. Portanto, surge para participar de uma história, ou melhor, de um movimento que já se desenrola. E, de cara, se apresenta como veículo com um papel a representar para o surfe e o desenvolvimento do mesmo no país.

A proposta de articulação com as organizações formadas pelos praticantes aparece já no primeiro editorial:

E, como dizemos, FLUIR é uma EXPERIÊNCIA ABERTA: não somos uma ‘panela’, nem tampouco uma seita de ‘iluminados’: toda e qualquer colaboração será bem vinda (artigos, fotos, desenhos, dicas, comentários etc.) e aproveitamos, também, para nos colocar à disposição de todas as Associações e Federações para um trabalho comum, visando o incremento e desenvolvimento do esporte nacional (...)<sup>24</sup>

Além do incentivo ao diálogo, o texto também apresenta a revista como um *espaço* a ser ocupado pelos interessados no esporte. Trata-se de uma postura de reconhecimento de que não é a publicação que levará à evolução do surfe, mas – ao menos do ponto de vista retórico, com esta proposição inicial – de apresentar-se como um espaço para a fala dos agentes envolvidos neste movimento, um possível pólo de articulação entre os interessados em se organizar.

Um ano depois, o tema reaparece na pauta do editorial de aniversário.

Porém, a maior conquista, não só da Revista mas também do Surfe em si, pode ser resumida numa palavra: CREDIBILIDADE. Através de muitas lutas, com vitórias e derrotas, mas sempre com bastante persistência e honestidade, pudemos mostrar que não só é possível um TRABALHO SÉRIO com o Surf, como também que este trabalho é fundamental para a estruturação do esporte nesse país que tem mais de 8.000 km de praias – e ondas!<sup>25</sup>

Nas palavras da publicação, sua tarefa é estimular o surfe brasileiro, que caminhava por si mesmo, mas teria muito a ganhar com o veículo. Os primeiros anos de *Fluir* coincidem com a inauguração de clubes de surfe pelo país. A revista noticia a fundação de associações e clubes de surfistas em várias localidades. Em contrapartida, estes enviam à redação cartas parabenizando a publicação. Constrói-se uma atmosfera de incentivo mútuo e otimismo quanto aos rumos do esporte. Colunas de notas informam sobre a contratação de surfistas por equipes, inclusive elogiando tais iniciativas: “É isso aí, nossos surfistas precisam desse incentivo.”<sup>26</sup> Outras colunas trazem dicas e esclarecimentos sobre pranchas e equipamentos, e acabaram se tornando um item à parte: o guia de pranchas que atualmente acompanha a revista.

Após alguns anos, reduz-se o espaço para a divulgação de competições amadoras e de seus resultados. A mudança é explicada na edição de quarto aniversário:

Aviso: a revista *Fluir*, com sua mudança de periodicidade para mensal, sofreu uma reestruturação nos espaços destinados às suas seções. Isso fez com que muitos resultados de competições que vinham saindo normalmente na revista tivessem sua publicação temporariamente prejudicada. Solicitamos às Associações e Clubes de Surf que continuem nos enviando esses boletins, pois em breve poderemos restabelecer a divulgação dos mesmos.<sup>27</sup>

Apesar das alterações estruturais, mantém-se a preocupação de dialogar com as associações locais de surfistas, que tinham na revista um interlocutor e um espaço de divulgação de suas atividades e campeonatos. Não obstante, trata-se de guinada para a exploração mais comercial do espaço da revista, coincidindo com o crescimento do mercado ligado ao esporte e das competições profissionais no país. O desenvolvimento do surfe brasileiro passa, é claro, pelo avanço da profissionalização. Em outro texto da mesma edição, *Fluir* anuncia:

Aqui, no Brasil, estaremos sempre cobrindo as principais competições, tanto a nível profissional quanto amador, valorizando desta maneira o atleta e procurando incentivá-lo a chegar a uma posição de destaque entre os melhores do mundo. Isso não é sonho, é um objetivo que atingiremos juntos. Talvez antes do que se espera.<sup>28</sup>



A previsão parece se concretizar: na década de 1990 começam as vitórias de brasileiros em etapas do Circuito Mundial de Surfe. As conquistas são encaradas como prova da evolução do esporte no país. Nas palavras do editor,

Nosso maior presente, no entanto, chegou em forma de fax, às vésperas do fechamento: Victor Ribas havia ganhado o Gotcha Pro, em Lacanau. Para a FLUIR, a vitória de Vítinho na França foi mais uma incontestável prova da ascensão do nosso surfe – uma ascensão da qual nos orgulhamos muito de também fazer parte. Parabéns, Victor Ribas. Parabéns, surf brasileiro. Parabéns, FLUIR. A festa está apenas começando.<sup>29</sup>

Após os primeiros anos de incentivo e as primeiras vitórias, crescem os objetivos e expectativas. Nos balanços da evolução do surfe nacional realizados nas edições comemorativas, a grande meta que se consolida é a conquista, por um brasileiro, do título do Circuito Mundial de Surfe.<sup>30</sup>

A seção “Baforadas” da edição de vigésimo aniversário tem título especial: “Baforadas memoráveis - Lutando pelo reconhecimento do surf brasileiro”:

Mensalmente publicamos na coluna ‘Baforadas’ frases relevantes proferidas por surfistas ou personalidades influentes falando sobre o surf, veiculadas em outros lugares que não a *Fluir*. Para essa edição especial de aniversário resolvemos mudar um pouco as regras do jogo e dar uma olhada no que os surfistas mais influentes do Brasil e do mundo disseram nas nossas páginas ao longo dos últimos vinte anos. Logo de cara notamos que o crescimento do surf em território nacional – e o reconhecimento de nossos surfistas no cenário mundial – era um tema recorrente, sempre tratado com muita paixão, e decidimos centrar nossa pesquisa em torno dele. (...) a amostra selecionada dá um bom parâmetro da verdadeira batalha que foi travada para que o surf brasileiro evoluísse até chegar à condição de potência mundial que ocupa hoje.<sup>31</sup>

Apesar do ufanismo, a maioria das citações da coluna critica a falta de organização e de patrocínio: há, no Brasil, ótimos surfistas e boas condições para a prática do esporte, mas faltam dinheiro e reconhecimento. Em geral, são frases de surfistas brasileiros se autoafirmando ou reclamando das condições precárias de profissionalismo. Há também surfistas estrangeiros reconhecendo a qualidade e evolução do surfe brasileiro. Fragmentos que evidenciam a difícil trajetória do surfe profissional no país.

Considerando a *mudança* como o fator principal de distinção entre passado e presente, do ponto de vista histórico, é interessante pensar que olhar para o passado não é tarefa restrita

à história (Ribeiro 2005: 111). Para Ribeiro (2005: 115), “a mídia é o principal *lugar de memória* e/ou *de história* das sociedades contemporâneas”, com destaque para o jornalismo. Esta idéia é desenvolvida pelo historiador Pierre Nora (1976), para quem os meios de comunicação têm um grande poder como instâncias de construção do acontecimento.

Neste contexto, o jornalismo ganha a função de registro. A partir dessa idéia, é possível pensar a maneira como, nos diversos editoriais pesquisados para a realização deste trabalho, a revista *Fluir* é apresentada como um espaço em que ficou registrada a *história* do surfe no Brasil e no mundo ao longo das duas últimas décadas. Pouco – talvez seja o caso de afirmar: nada – se fala quanto ao que aparece nas páginas da revista ser, em alguma medida, uma construção. Porém, isto não é privilégio de uma revista de surfe – é característica do jornalismo de uma maneira geral, que se afirma e é legitimado socialmente como espaço de *registro* (Ribeiro 2005: 118). A oportunidade de recorrer ao passado não é exclusiva dos historiadores. Nesse sentido, os grupos têm a possibilidade – e a exercem fartamente – de lembrar. Por outro lado, uma série de episódios da trajetória da revista, como a saída dos demais esportes da pauta, ou as trocas de equipe de redação e de editora, não são lembradas. Ainda no caso específico da *Fluir*, por diversas razões (é uma revista segmentada, não é jornalismo diário; volta-se para um esporte que não está entre os mais populares e não tem uma memória cristalizada ou *grandes marcos*), não é possível afirmar que o uso do passado se dê de forma tão rasa quanto em muitos episódios do jornalismo diário, que lança mão de traços do passado apenas para legitimar algo que é afirmado no presente, sem qualquer tipo de contextualização, prática que favorece um contínuo movimento de presentificação do mundo (Barbosa 2005: 141).

Não obstante, é fundamental discutir como os jornalistas constroem sua legitimidade como intérpretes privilegiados dos acontecimentos. Zelizer (1992) defende o argumento de que, nas décadas recentes, é para os jornalistas que o público tem se voltado quando precisa de informações para elucidar o presente que se descortina à sua frente. Em Nora (1976), em-

bora a questão não seja abordada de forma explícita, é possível perceber que é com o jornalista que o historiador disputa o espaço de interpretação, explicação, relato ou narração dos acontecimentos, os quais, porém, não são exclusividade de nenhum dos grupos, pois, como já destacado, pertencem a e atingem um público vasto, uma vez que são dados a conhecer via meios de comunicação de massa. Ao que parece, no caso de *Fluir*, talvez tal legitimidade para interpretar o presente e o passado se dê não tanto pelo fato em si de a revista ser produzida por jornalistas, mas sim pelo fato destes serem surfistas. E, com o passar do tempo, à medida que o veículo se consolida, é de se supor que ganhe mais e mais credibilidade junto ao público.<sup>32</sup> Portanto, torna-se essencial atentar para as diferenças do jornalismo segmentado em relação ao jornalismo diário, do ponto de vista da construção de legitimidade frente ao público. Um recurso importante neste sentido, sem dúvida, é a articulação entre revista e desenvolvimento do esporte no país, explorada nesta seção.

### **Conclusão**

Este artigo analisou uma amostragem das edições comemorativas de aniversário de *Fluir*, a mais importante revista especializada em surfe do Brasil, buscando identificar e analisar as referências ao passado presentes na revista, bem como articulá-las com bibliografia.

As edições comemorativas buscam lembrar o passado da publicação, assim como colocá-la em lugar de destaque na trajetória do surfe no país. *Fluir* chega com o esporte acontecendo e nele se insere, contribuindo para que continue evoluindo e se fortalecendo. Os textos reafirmam, constantemente, a necessidade de inovação, mas sempre em consonância com o espírito dos fundadores da revista: abarcar a diversidade de temas relacionados ao surfe (alimentação, preparação física, música, ecologia, equipamentos, entre outros), destacando não apenas o esporte profissional e sua dimensão competitiva, mas também as viagens em busca do “real espírito do surf”.

O resultado evidencia o quanto o veículo, em diferentes momentos de celebração realizados ao longo do tempo, recorre ao passado, seja em busca de legitimação, seja para, a partir dele, afirmar os rumos a serem seguidos no futuro. Com base nesta observação, torna-se possível discutir a importância e os usos do passado, uma vez que, em todas as edições comemorativas pesquisadas, ele teve espaço de destaque. Mesmo na edição de 1999, voltada para o futuro, o passado aparece de forma expressiva. Ressalto, ainda, que as comemorações de aniversário ganham mais e mais espaço, com o passar do tempo.

Evidencia-se a relevância do passado para a afirmação dos lugares ocupados no presente. O passado não é algo *dado*, mas um campo de intensas disputas no presente. Brigam pelo passado os grupos, em busca da afirmação de suas memórias, mas também os que ocupam o espaço de poder que permite a construção das memórias oficiais. Igualmente brigam por ele (e por legitimidade para dele falar) jornalistas, historiadores, cineastas e outros estudiosos. Portanto, o passado não é algo pronto e acabado, tampouco é definitivo o lugar de quem, no presente, lança mão dele. Diferentes indivíduos, grupos, veículos e instituições, com os mais diversos objetivos, implícitos ou explícitos, recorrem ao passado, de variadas formas, em busca do fortalecimento de seus argumentos e pontos de vista no presente. As celebrações de aniversário são oportunidades-chave para a revista (re)construir o passado, sempre (re)visto a partir do lugar que ela ocupa no presente.

### **Bibliografia**

BARBOSA, Marialva. 2005. "Meios de comunicação, memória e tempo: a construção da 'Redescoberta' do Brasil". In: Michael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira (orgs.), *Mídia, memória & celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: E-Papers: 131-151.

HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

HELLER, Agnes. 1993. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LE GOFF, Jacques. 1990. *História e memória*. São Paulo: Unicamp.

NORA, Pierre. 1976. “O retorno do fato”. In: Jacques Le Goff e Pierre Nora, *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 173-93.

POLLAK, Michael. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, 2(3): 3-15.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. 2005. “A mídia e o lugar da história”. In: Michael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira (orgs.), *Mídia, memória & celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: E-Papers: 105-129.

RICOEUR, Paul. 1997. “Mundo do texto e mundo do leitor”. In: *Tempo e narrativa*, Tomo III. Campinas: Papirus: 273-314.

ZELIZER, Barbie. 1992. *Covering the body: the Kennedy assassination, the media, and the shaping of collective memory*. Chicago & London: University of Chicago Press.

### **Dados do autor**

Rafael Fortes, graduado em comunicação social (jornalismo) e história, é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde desenvolve pesquisa relacionada à relação entre surfe e meios de comunicação. Mestre em Comunicação (2004) pelo mesmo programa, com dissertação sobre a cobertura do Plano Cruzado realizada pelas revistas *Istoé* e *Veja*. Contato: [raffortes@hotmail.com](mailto:raffortes@hotmail.com); [rafa.fortes@gmail.com](mailto:rafa.fortes@gmail.com). Endereço para correspondência: Rua Teodoro da Silva, 294/315, Vila Isabel, Rio de Janeiro, RJ, 20560-001.

### **Notas**

<sup>1</sup> Antes de começar a análise, uma pequena nota metodológica. Infelizmente, devido a lacunas no acervo da Biblioteca Nacional, a idéia inicial de trabalhar com datas *redondas* – 1, 5, 10, 15, 20 anos da revista – não pôde ser realizada. Da proposta inicial, apenas as edições inaugural, de primeiro aniversário (1984) e vigésimo (2003) existem no acervo. Sendo assim, escolhi entre as edições de aniversário disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional, aquelas que mais se aproximavam das datas a princípio pensadas, de forma a ter um panorama minimamente representativo das releituras feitas pela própria revista de sua trajetória. Se, por um lado, perde-se o fascínio das datas *redondas*, geralmente provocadoras de comemorações mais entusiásticas, mantém-se alguma regularidade na distribuição da amostragem ao longo do tempo. Por razões pragmáticas – de tempo, de acesso e tendo em vista as dimensões desejáveis para este trabalho – não seria possível, de qualquer forma, utilizar todas as edições de aniversário. Desta forma, as edições analisadas foram a de lançamento (1983) e aquelas correspondentes aos aniversários números 1 (1984), 4 (1987), 12 (1995), 16 (1999) e 20 (2003).

<sup>2</sup> *Fluir – Terra, Mar e Ar*, ano 1, n. 1, set-out/1983.

<sup>3</sup> “5 Minutos” – Entrevista de Cláudio Martins a Adrian Kojin. *Fluir* n. 216, out 2003, p. 52. Há que se considerar, porém, que Martins era o representante publicitário da revista – atualmente é diretor deste setor –, o que talvez faça com que superdimensionasse o papel da publicidade nos rumos editoriais da publicação.

<sup>4</sup> “Primeiro experimento”, *Fluir* n. 1, set-out/1983, p. 3.

<sup>5</sup> Coincidência ou não, o sócio-fundador entrevistado é o único que, dos cinco iniciais, permanece ligado à revista. Esta informação é fornecida no próprio texto introdutório da entrevista.

<sup>6</sup> *Fluir* n. 1, set-out 1983, p. 7.

<sup>7</sup> “5 Minutos” – Entrevista de Cláudio Martins a Adrian Kojin. *Fluir* n. 216, out 2003, p. 52.

<sup>8</sup> “5 Minutos” – Entrevista de Cláudio Martins a Adrian Kojin. *Fluir* n. 216, out 2003, p. 52.

<sup>9</sup> *Fluir* n. 1, set-out 1983, p. 8.

<sup>10</sup> *Fluir* n. 1, set-out 1983, p. 7.

<sup>11</sup> A primeira edição trouxe algumas páginas em papel fosco, com tom bege, lembrando bastante material reciclado, ainda que não houvesse qualquer referência a isto na revista.

<sup>12</sup> “*Fluir*: um ano de muitas ondas!” *Fluir* n. 6, set 1984, p. 7.

<sup>13</sup> “Coluna Social”, *Fluir* n. 6, set 1984, p. 18.

<sup>14</sup> *Fluir* n. 24, out 1987, p. 11.

---

<sup>15</sup> *Fluir* n. 120, out 1995.

<sup>16</sup> *Fluir* n. 120, out 1995.

<sup>17</sup> *Fluir* n. 168, out 1999, p. 25.

<sup>18</sup> *Fluir* n. 168, out 1999, p. 27.

<sup>19</sup> Adrian Kojin, “Palavra de surfista”, *Fluir* n. 216, out 2003, p. 19.

<sup>20</sup> *Fluir* n. 24, out 1987, p. 11.

<sup>21</sup> Ainda que, como ressalva Heller, este uso seja feito pela história, quando se presta a ideologia.

<sup>22</sup> Adrian Kojin, “Palavra de surfista”, *Fluir* n. 216, out 2003, p. 19.

<sup>23</sup> Adrian Kojin, “Palavra de surfista”, *Fluir* n. 216, out 2003, p. 19.

<sup>24</sup> *Fluir* n. 1, set-out 1983, p. 7.

<sup>25</sup> “*Fluir*: um ano de muitas ondas!” *Fluir* n. 6, set 1984, p. 7.

<sup>26</sup> *Fluir* n. 6, set 1984, p. 109.

<sup>27</sup> *Fluir* n. 24, out 1987, p. 106.

<sup>28</sup> *Fluir* n. 24, out 1987, p. 11.

<sup>29</sup> *Fluir* n. 120, out 1995, p. 27.

<sup>30</sup> Até o momento, numerosas etapas do Circuito Mundial de Surfe já foram vencidas por brasileiros, mas nenhum deles sagrou-se campeão mundial. A melhor posição até hoje foi o terceiro lugar obtido pelo cabofriense Vitor Ribas, em 1999.

<sup>31</sup> “Baforadas”. *Fluir* n. 216, out 2003, p. 58.

<sup>32</sup> Evidentemente, não se trata de um axioma. Ainda assim, creio ser possível supor que uma publicação com 20 anos de existência tenha frente ao público uma imagem de maior solidez que outra com poucos meses.